

Brizola e Rossi lançam-se à presidência e ao governo

PDT já não acredita em união da oposição e dificulta aliança com Lula

Fábio Sanchez
de São Paulo

O presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, complicou ontem a aliança de seu partido com o PT por uma candidatura única das esquerdas à presidência da República. Na solenidade de inauguração da sede de seu partido em São Paulo, ele lançou a candidatura a governador do ex-prefeito de Osasco Francisco Rossi (PDT), o que complica qualquer possibilidade de aliança no estado que é o berço dos petistas, e aceitou o lançamento de sua própria candidatura a presidente da República, feita por Rossi e pelo presidente do PDT em São Paulo e deputado federal Fernando Zuppo.

A união das oposições em torno de uma mesma candidatura para o primeiro turno da eleição presidencial, segundo Brizola, "está muito difícil, mas podemos nos unir em um segundo turno, se houver um", disse o pedetista. Sobre sua candidatura, que até a semana passada ele não admitia, garantindo que seria candidato a vice numa chapa encabeçada por um petista, disse que pode ser uma alternativa "para que o PDT sobreviva e para nossa auto-defesa, porque não podemos ficar a reboque do que os outros partidos vão decidir", disse ele.

A principal razão para que não haja uma união entre os partidos de

esquerda, segundo Brizola, é a demora de Lula em se decidir por sua candidatura. "O Lula parece que não tem entusiasmo em ser candidato só de uma parte da esquerda. Assim não pode ser. Uma candidatura da esquerda precisa já sair empinada", disse Brizola. Segundo ele, o que desanima Lula seria a pouca disposição do PSB de Miguel Arraes em apoiá-lo. Ele deixou claro que aguarda para breve uma decisão do PT sobre a coligação. "Minha opção preferencial continua sendo por uma união das esquerdas, pois separados seremos degraus para a direita", disse o pedetista.

O lançamento da candidatura de Rossi em São Paulo, segundo Brizola, não atrapalharia qualquer possibilidade de acordo com o PT, e argumentou que o partido ofereceria ao PT a vaga de candidato a senador na chapa encabeçada por Rossi. "O partido não está lançando ninguém candidato ao Senado porque já sabe que o Suplicy quer se reeleger. Estamos oferecendo um acordo e se o PT está empenhado em uma união nacional, pensará nisso".

Tanto Brizola quanto Rossi sabem que esse é um acordo praticamente impossível. O PT tem aversão ao estilo político de Rossi, que, por sua vez, nunca poupou os petistas de críticas ferozes. Ontem, entretanto, Rossi chegou a elogiar Suplicy

para provar que está levando a possibilidade de acordo a sério. "Estamos dispostos a lançá-lo como nosso candidato ao Senado, já que é uma pessoa séria, de respeito", disse Rossi. O ex-prefeito de Osasco conversou há uma semana com o presidente do PT em São Paulo, Antônio Palocci, sem que houvesse acordo, mas disse que é possível que haja a partir da oferta da vaga de senador numa chapa encabeçada por ele. "Oferecemos a vaga e agora esperamos uma recíproca do PT", disse Rossi.

Brizola aproveitou a reunião para criticar veladamente a posição petista de não abrir mão de uma candidatura na cabeça de chapa na eleição para a presidência da República. Segundo ele, a eleição do próximo ano será "totalmente atípica" porque as posições conquistadas pelos partidos na última eleição não se repetirão, inclusive a polarização de Lula contra Fernando Henrique. "Vai zerrar tudo no ano que vem. Quem achar que tudo está como antes cometerá grave erro de avaliação".

O líder pedetista leu ainda números do TRE que apontavam o PDT como o partido de oposição que mais teve votos no país no ano passado nas eleições de vereadores (2,1 milhão) e prefeitos (3,7 milhões). "Um partido como esse não pode depender da briga de outros partidos", disse Brizola.